

MATT HAIG

Autor de *Como Parar o Tempo*

OS  
HUMANOS



TOP  
SEL  
LER

SOBERBO

DAILY MAIL

\*\*\*\*\*

HILARIANTE!

GUARDIAN

\*\*\*\*\*

EXTRAORDINÁRIO

INDEPENDENT

\*\*\*\*\*

*Para a Andrea, o Lucas e a Pearl*

Acabo de desenvolver uma nova teoria da eternidade.

**Albert Einstein**

## Prefácio

(Uma esperança ilógica perante uma  
adversidade esmagadora)

**S**ei que alguns de vocês, leitores, estão convencidos de que os humanos são um mito, mas eu estou aqui para afirmar que eles realmente existem. Para quem não sabe, um humano é uma forma de vida bípede, de inteligência média, que vive uma existência em grande medida iludida num pequeno planeta alagado em água, situado num recanto longínquo e solitário do Universo.

Para os demais, e para aqueles que me enviaram, os humanos são, sob muitos aspetos, tão estranhos como seria de esperar. É sem dúvida verdade que, na primeira vez em que os vissem, o seu aspeto físico vos deixaria chocados.

Os rostos tão-só contêm todo um conjunto de curiosidades hediondas. Um protuberante nariz no centro, lábios revestidos de pele fina, órgãos auditivos externos do mais primitivo, conhecidos como «orelhas», olhos minúsculos e, por cima deles, um tufo de pelos cujo sentido me escapa. Tudo isto demora bastante tempo a processar e a assimilar.

As maneiras e costumes sociais são igualmente um enigma desconcertante, de início. Admito que é complicado compreender tudo e adaptarmo-nos. Os seus temas de conversa raras vezes coincidem com aquilo de que querem falar, e eu podia escrever 97 livros sobre a vergonha do próprio corpo e a etiqueta em termos de moda sem que chegassem sequer perto de compreendê-los.

Oh, e não esqueçamos As Coisas Que Fazem Para Se Sentirem Felizes E Que Na Realidade Os Deixam Infelizes. É uma lista infinita que inclui ir às compras, ver televisão, conseguir o melhor emprego possível, comprar a maior casa de todas, escrever um romance semiautobiográfico, educar os filhos, fazer a pele parecer ligeiramente menos velha, e acalantar um vago desejo de acreditar que talvez haja um sentido para tudo isso.

Sim, não deixa de ter graça, de um modo mais ou menos doloroso. Mas, durante a minha estadia na Terra, descobri a poesia humana. Uma das suas poetisas, a melhor, na verdade (o seu nome era Emily Dickinson), disse o seguinte: «Eu habito na possibilidade». Portanto, submetamo-nos aos nossos caprichos e sigamos o conselho da poetisa. Abramos a nossa mente de par em par, pois o que se preparam para ler requer que coloquem de lado todos os vossos preconceitos em prol da compreensão.

E consideremos o seguinte: e se a vida humana tiver *de facto* um sentido? E se — sigam o meu raciocínio — a vida na Terra for algo que devemos não apenas temer e ridicularizar, mas também estimar? O que sucederia então?

Talvez alguns de vocês já saibam o que fiz, mas ninguém conhece as razões. Este documento, este guia, este relato — chamem-lhe o que quiserem — irá deixar tudo claro. Peço-vos que leiam este livro com uma mente aberta e que deduzam por vocês mesmos o verdadeiro valor da vida humana.

Que reine a paz.



# PRIMEIRA PARTE

Tomei as rédeas do meu poder

## ○ homem que eu não era

Então, do que é que se trata?

Preparados?

OK. Respirem fundo. Eu conto-vos.

Este livro, o livro que têm nas mãos, passa-se *aqui* mesmo, na Terra, e versa sobre o sentido da vida e sobre nada. É sobre o que é preciso para matar alguém, e para salvá-lo. É sobre o amor e poetas mortos e manteiga de amendoim com pedaços. É acerca da matéria e da antimatéria, tudo e nada, a esperança e o ódio. É acerca de uma historiadora de 41 anos chamada Isobel, do seu filho Gulliver, de 15 anos, e do matemático mais inteligente do planeta. É, resumindo, sobre como tornarmo-nos humanos.

Permitam-me que comece por constatar o óbvio: eu não o era. Naquela primeira noite, ao frio, no escuro e ao vento, estava muito longe de o ser. Antes de ter lido a *Cosmopolitan*, na estação de serviço, jamais tinha visto esta língua escrita. Dou-me conta de que esta também poderá ser, para vocês, a primeira vez. Para vos dar uma ideia da forma como as pessoas aqui consomem histórias, escrevi este livro como um humano o faria. As palavras que uso são humanas, datilografadas numa fonte humana e sucedem-se umas às outras no estilo humano. Com a vossa capacidade quase instantânea para traduzir até as mais exóticas e primitivas formas linguísticas, depreendo que a compreensão não constituirá um problema.

Agora, para que fique bem claro, eu não era o professor Andrew Martin. Eu era como vocês.

O professor Andrew Martin não passava de um papel que eu desempenhava. De um disfarce. De alguém que precisava de ser para levar a cabo uma missão; missão essa que começara com o seu rapto e morte. (Consciente do tom lúgubre que estou aqui a criar, prometo não mencionar a morte de novo, pelo menos até ao final desta página.)

A questão é que eu não era um matemático de 43 anos – e marido e pai – que lecionava na Universidade de Cambridge e que dedicara os últimos oito anos da sua vida a resolver um problema matemático até então insolúvel.

Antes de chegar à Terra não tinha cabelo castanho-claro com risco ao lado. Do mesmo modo, não tinha uma opinião formada a respeito da suite *Os Planetas*, composta por Gustav Holtz, ou sobre o segundo álbum dos Talking Heads, pois sentia aversão pelo conceito de música (ou devia sentir, pelo menos). E como podia eu achar que o vinho australiano era automaticamente inferior ao vinho de outras regiões do planeta quando jamais tinha bebido outra coisa que não fosse nitrogénio líquido?

Pertencendo a uma espécie pós-marital, é evidente que não tinha sido um marido negligente, de olho numa das minhas alunas, da mesma maneira que não havia sido um homem que passeia o seu *springer spaniel inglês* — uma categoria de divindade doméstica peluda também conhecida como «cão» — como desculpa para sair de casa. Também não escrevera livros sobre matemática nem insistira que os meus editores usassem uma fotografia minha de há 15 anos.

Não, eu não era esse homem.

E muito menos acalentei sentimentos por ele, por mais que tivesse sido real, tão real como vocês e eu, uma verdadeira forma de vida mamífera, um diploide, um primata eucariótico que, cinco minutos antes da meia-noite, estava sentado à sua secretária, de olhos fixos no monitor do computador e bebendo café (não se preocupem, explicarei o que é café e as minhas desventuras com esta beberagem um pouco mais à frente). Uma forma de vida que pode ou não ter dado um pulo na sua cadeira aquando da revelação, no momento



em que a sua mente chegou a um lugar que nenhuma outra mente humana tinha atingido até então, a orla do conhecimento.

E pouco depois da descoberta que fez, os anfitriões, meus empregadores, levaram-no. Cheguei a conhecê-lo, ainda que por um brevíssimo instante. O suficiente para que fosse realizada uma leitura (a todos os níveis incompleta). Fisicamente falando foi completa, mas não mentalmente. Sabem, é possível clonar cérebros humanos, mas não o que está armazenado dentro deles, não tudo pelo menos, pelo que me vi obrigado a aprender muita coisa por mim mesmo. Era um recém-nascido de 43 anos largado no planeta Terra. Com o tempo, tornou-se aborrecido não o ter conhecido *devidamente*, pois isso teria sido extremamente útil. Podia ter-me falado de Maggie, para começar. (Oh, quem me dera que ele me tivesse falado dela!)

Nenhum conhecimento extra que pudesse adquirir iria, no entanto, alterar o simples facto de que a minha missão era travar o progresso. Fora para isso que me tinham enviado para aquele planeta, para destruir as provas do extraordinário avanço que o professor Andrew Martin tinha feito. Provas essas que residiam não apenas em computadores, mas em seres humanos vivos.

Ora bem, por onde hei de começar?

Imagino que só possa começar pelo momento em que fui atropelado pelo carro.

## Substantivos isolados e outros desafios para o aprendiz de uma língua

**S**im, como disse, devemos começar pelo momento em que o carro me atropelou.

Temos mesmo de começar por aí, porque durante bastante tempo antes disso, não havia nada. Não havia nada e nada e nada e eis que...

*Qualquer coisa.*

Eu, ali, no meio da «estrada».

Fui então acometido por várias reações imediatas. Em primeiro lugar, que raio de tempo era aquele? Não estava acostumado a um clima sobre o qual fosse preciso refletir. No entanto, estava em Inglaterra, uma zona do planeta onde a preocupação com a meteorologia constituía a principal atividade humana. E com razão. Em segundo lugar, onde estava o computador? Era suposto haver um computador. Não que eu conhecesse o aspeto do computador do professor Martin. Talvez se parecesse com uma estrada. Em terceiro lugar, que barulho era aquele? Uma espécie de bramido surdo. E, em quarto lugar, era de noite. Sendo bastante caseiro, não estava muito familiarizado com a noite, e ainda que estivesse, aquela não era uma noite qualquer. Nunca tinha visto uma coisa assim. Era noite elevada à potência noturna elevada à potência noturna. Era noite ao cubo. Um céu carregado de uma escuridão implacável, sem estrelas nem lua. Onde estavam os sóis? Haveria sequer sóis?

Depreendi que não, tendo em conta o frio que fazia. Esse frio foi um choque para mim. Fez-me doer os pulmões e tremi da cabeça aos pés ao sentir aquele vento rigoroso contra a pele. Interroguei-me se os humanos saíam à rua. Seriam loucos, se o fizessem.

Inspirar foi difícil, ao princípio, e isso era preocupante. Afinal de contas, respirar era um dos requisitos mais importantes para um ser humano. Por fim, apanhei-lhe o jeito.

E depois uma nova preocupação: não me encontrava onde devia estar, e isso tornava-se cada vez mais claro. Teoricamente, devia estar no mesmo sítio em que o professor estivera, ou seja, num gabinete, mas aquilo não era um gabinete; até aí, pelo menos, já tinha chegado. A menos que estivesse num gabinete que incluía um céu com nuvens escuras que se congregavam e uma lua invisível.

Demorei algum tempo — demasiado, na verdade — a compreender a situação. Na altura, não sabia o que era uma estrada, mas hoje posso dizer-vos que se trata de uma coisa que liga pontos de partida a pontos de chegada. Isto é importante. Sabem, é que na Terra não é possível deslocarmo-nos instantaneamente de um lugar para outro. Essa tecnologia ainda não existe. E está muito longe de existir. Não. Na Terra passa-se muito tempo a viajar entre locais, seja por estrada ou por via-férrea, no trabalho ou nos relacionamentos.

Aquele género de estrada em particular era uma autoestrada, o mais avançado tipo de estrada que existe, o que, como em tantas outras formas de progresso humano, significa basicamente que a morte acidental é bastante mais provável. Sob os pés descalços senti a textura estranha e áspera de uma coisa chamada alcatrão. Olhei para a minha mão esquerda. Pareceu-me um artefacto tosco e desconhecido, mas parei de rir ao perceber que aquela coisa bizarra e munida de dedos fazia parte de mim. Era um estranho para mim mesmo. Ah, a propósito, o bramido surdo continuava a fazer-se ouvir, tirando a parte do surdo.

Foi então que reparei no que se aproximava de mim a uma velocidade considerável.

As luzes.

Branças, largas e baixas, podiam muito bem ser os olhos brilhantes de um rápido varredor-de-planície, de dorso prateado, que guinchava. Tentava desacelerar e guinar.

Não tive tempo de afastar-me. Antes teria sido possível, mas não naquele momento. Esperara tempo demais.

Por isso chocou contra mim com uma força inexorável, que me lançou pelo ar e me fez voar; não voar de verdade, porque os humanos não conseguem fazê-lo, por mais que agitem os membros. Restou-me a dor, que senti até ter aterrado, e voltei novamente ao nada.

Nada e nada e...

Qualquer coisa.

Um homem vestido e inclinado sobre mim. A proximidade do seu rosto perturbou-me.

Não. Ia para além disso.

A face dele repugnava-me e aterrorizava-me. Nunca tinha visto nada como aquele homem. O rosto tão alienígena, cheio de aberturas e protuberâncias. O nariz, em especial, incomodava-me. Parecia, aos meus inocentes olhos, que tinha qualquer coisa dentro dele a tentar sair. Baixei o olhar e examinei-lhe a roupa. Mais tarde viria a perceber que vestia uma camisa e uma gravata, calças e sapatos. Conquanto fossem precisamente as peças de roupa que devia envergar, pareceram-me tão exóticas que não sabia se havia de rir ou de gritar. O homem olhava para os meus ferimentos. Ou melhor: *procurava-os*.

Verifiquei a mão esquerda. Estava incólume. O carro colidira com as minhas pernas e depois com o meu tronco, mas a mão estava ileso.

— É um milagre — disse ele em voz baixa, como se fosse um segredo.

As palavras, contudo, não fizeram qualquer sentido para mim.

Olhou para o meu rosto e levantou a voz, para competir com o barulho dos carros.

— O que faz aqui?

Uma vez mais, nada. Não passava de uma boca a mexer-se, produzindo ruído.

Percebi que se tratava de uma língua simples, mas preciso de ouvir pelo menos uma centena de palavras de um idioma novo antes de conseguir montar o seu puzzle gramatical. Não me censurem por isto. Sei que a alguns de vocês bastam umas dez, ou apenas uma oração adjetiva. As línguas, porém, nunca foram o meu forte. Imagino que esteja relacionado com a minha aversão por viagens. Permitam-me que reitere: não queria ser enviado para aqui. Era uma tarefa que alguém tinha de cumprir e, no seguimento da minha palestra blasfema no Museu das Equações Quadráticas — o meu suposto crime contra a pureza matemática — os anfitriões acharam que seria um castigo adequado. Sabiam que era uma missão que ninguém no seu juízo perfeito escolheria e, ainda que fosse uma missão importante, sabiam que eu (tal como vocês) pertencia à raça mais avançada do Universo e, como tal, estaria apto a levá-la a cabo.

— Conheço-o de algum lado. A sua cara não me é estranha. Como é que se chama?

Sentia um enorme cansaço. É o mal do teletransporte, da mudança de matéria e da bio-reconfiguração. É esgotante, retira-nos muita energia e, se bem que a recuperemos, há sempre um preço a pagar.

A escuridão tomou conta de mim e desfrutei de sonhos tingidos de violeta e índigo e de imagens de casa. Sonhei com ovos partidos, números primos e horizontes em perpétua mudança.

E então acordei.

Encontrava-me dentro de um veículo estranho, ligado a um equipamento primitivo de monitorização cardíaca. Dois humanos, macho e fêmea (a aparência da fêmea confirmou os meus piores receios: no seio desta espécie, a fealdade não é apanágio de um só género), vestidos de verde. Pareciam perguntar-me qualquer coisa num tom bastante agitado. Talvez fosse porque eu estava a usar os meus novos membros superiores para me livrar daquele aparato eletrocardiográfico rudimentar. Tentaram deter-me, mas, não estando aparentemente a par da realidade, foi com relativa facilidade que consegui deixar os dois humanos de verde a contorcem-se de dores no chão.

Levantei-me, dando-me conta da força da gravidade naquele planeta ao mesmo tempo que o condutor se virava para me fazer uma pergunta ainda mais urgente. O veículo movia-se a grande velocidade e as ondas sonoras da sirene constituíam uma distração inegável, mas abri a porta e saltei para a vegetação que ladeava a estrada. O meu corpo rebelou pelo chão. Escondi-me e, quando me pareceu seguro sair do meu esconderijo, pus-me de pé. Comparado com a mão humana, o pé é relativamente pouco perturbador, se não considerarmos os dedos.

Deixei-me ficar ali um momento, contemplando os veículos estranhos, colados ao chão, obviamente dependentes de combustíveis fósseis, cada qual produzindo mais ruído do que o necessário para alimentar um gerador de polígonos. E a visão ainda mais insólita dos humanos no interior deles, vestidos da cabeça aos pés, agarrados a um equipamento circular de controlo da direção e, por vezes, a mecanismos de telecomunicação extrabiológicos.

*Cheguei a um planeta onde a forma mais inteligente de vida que o habita ainda tem de conduzir os seus próprios veículos...*

Nunca antes tinha apreciado e valorizado tanto os luxos simples com que fomos criados: a luz eterna, o trânsito fluido e fluutuante, a vida vegetal avançada, o ar adocicado, a ausência de clima. Oh, gentis leitores, não fazeis mesmo ideia.

Os automóveis faziam soar buzinas de alta frequência ao passarem por mim. Rostos de olhos esbugalhados e bocas escancaradas fitavam-me pelas janelas. Não entendia o que se passava. Aca-so não era tão feio como eles? Porque não passava despercebido? O que estava a fazer de errado? Talvez fosse pelo facto de não estar dentro de um automóvel. Se calhar era desse modo que os humanos viviam, permanentemente enfiados em automóveis. Ou talvez fosse porque não tinha roupa. A noite estava fria, mas seria mesmo por um pormenor tão trivial como a falta de cobertura corporal artificial? Não, não podia ser tão simples quanto isso.

Olhei para o céu.

A lua assomava então, atrás de um fino véu de nuvens. Também ela parecia observar-me de boca aberta, chocada. As estrelas, no entanto, continuavam encobertas, invisíveis. Queria vê-las. Desejava sentir o seu consolo.

Para cúmulo, a probabilidade de chuva era grande. Odiava chuva. Para mim, como para a maioria de vocês, moradores em cúpulas, a chuva era um terror de proporções quase mitológicas. Precisava de encontrar o que procurava antes que as nuvens abrissem.


Havia uma tabuleta retangular de alumínio à minha frente. Os substantivos desprovidos de contexto são sempre traiçoeiros para quem aprende uma língua nova, mas a seta apontava numa só direção, por isso decidi segui-la.

Os humanos não paravam de descer os vidros dos automóveis e de me gritar coisas, por cima do barulho dos motores. Por vezes, pareciam ser palavras bem-humoradas, pois cuspiam fluido oral na minha direção, ao estilo de um orminurco. Pareceu-me oportuno cuspir-lhes de volta, de uma forma amistosa e fazendo pontaria aos seus rostos, embora se deslocassem a grande velocidade. Tal encorajou mais gritos, mas tentei não fazer caso disso.

Em breve, disse a mim mesmo, compreenderia o que o cumprimento elaborado «sai da puta da estrada, tarado de merda» significava. Entretanto, prossegui o meu caminho, passei a tabuleta e vi um edifício iluminado, mas desconcertantemente imóvel, junto à berma da estrada.

*Vou até lá*, disse a mim mesmo. *Vou até lá e encontrarei algumas respostas.*

## Texaco

 edifício chamava-se «Texaco». Resplandecia no meio da noite com uma terrível imobilidade, como se estivesse à espera de ganhar vida.

Ao aproximar-me, percebi que se tratava de uma espécie de estação de reabastecimento. Havia carros ali parados, sob um baldaquino horizontal, alinhados junto a sistemas de distribuição de combustível com um aspeto rudimentar. Estava confirmado: os automóveis não faziam absolutamente nada por eles mesmos. Estavam praticamente em morte cerebral, se é que tinham cérebros.

Os humanos que reabasteciam os seus veículos olhavam-me fixamente enquanto entravam neles. Tentando ser o mais educado possível, tendo em conta as minhas limitações verbais, cuspi uma generosa quantidade de saliva na direção deles.

Entreí no edifício. Havia um humano vestido atrás de um balcão. O cabelo dele, em vez de estar no cimo da cabeça, cobria-lhe a metade inferior do rosto. O seu corpo era mais esférico do que o de outros humanos, o que lhe dava um aspeto ligeiramente mais agradável. Pelo cheiro a ácido hexanóico e a androsterona percebi que a higiene pessoal não era uma das suas prioridades. Observou os meus genitais (reconhecidamente perturbadores) e pressionou qualquer coisa atrás do balcão. Cuspi, mas não me devolveu o



cumprimento. Talvez eu não tivesse entendido bem a questão das cuspidelas.

Toda aquela descarga de saliva deixou-me com sede, por isso dirigi-me a uma zumbidora unidade refrigerada, carregada de objetos cilíndricos de cores garridas. Escolhi um ao calhas e abri-o. Era uma lata de líquido chamado «*Diet Coke*», extremamente doce e com um travo a ácido fosfórico. Era repugnante. Saiu disparado da minha boca mal entrou. Consumi então outra coisa. Um alimento acondicionado numa embalagem sintética. Este era, percebi com o tempo, um planeta de coisas envoltas dentro de outras coisas. Comida dentro de embalagens. Corpos dentro de roupas. Desprezo dentro de sorrisos. Tudo estava escondido. O alimento chamava-se «*Mars*». Consegui engoli-lo melhor, até ter descoberto que tinha um reflexo faríngeo. Fechei a porta e vi um recipiente com as palavras «*Pringles*» e «*Barbecue*» nele impressas. Abri-o e comecei a comer. O sabor não era muito mau — um pouco como bolo de sorp —, por isso enchi a boca o mais que pude. Interroguei-me quando fora a última vez que me tinha alimentado a mim mesmo, sem qualquer ajuda. Não fui capaz de recordar, mas de certeza que havia sido na infância.

— Ei, não pode fazer isso. Não pode pôr-se a abrir coisas e a comer, sem mais nem menos. Tem de pagar.

O homem atrás do balcão falava para mim. Não percebi o que me dizia, mas pelo volume e tom da sua voz fiquei com a ideia de que não era coisa boa. Reparei também que a pele dele, nas zonas da cara onde era visível, mudava de cor.

Reparei nas luzes no teto e pestanejei.

Coloquei a mão a tapar a boca e fiz um ruído. De seguida, coloquei-a à distância de um braço e repeti o ruído, notando a diferença.

Era reconfortante saber que mesmo no canto mais remoto do Universo o som e a luz obedeciam às mesmas leis, embora deva dizer que pareciam um pouco mais frouxas aqui.

Vi prateleiras cheias do que mais tarde identificaria como sendo «revistas», quase todas com rostos exibindo sorrisos idênticos na capa. Vinte e seis narizes. Cinquenta e dois olhos. Era uma visão intimidante.

Peguei numa dessas revistas ao mesmo tempo que o homem pegava no telefone.

Na Terra, as comunicações continuam presas numa era pré-capsular e a maior parte tem de realizar-se por intermédio de um dispositivo eletrónico ou por um meio impresso obtido a partir de um fino derivado arbóreo quimicamente transformado em polpa, conhecido como papel. As revistas são muito populares, não obstante nenhum humano alguma vez se ter sentido melhor por as ter lido. Na realidade, o seu objetivo principal é gerar um sentimento de inferioridade no leitor que, conseqüentemente, o leva a querer comprar qualquer coisa, o que faz, para, sem falta, ficar a sentir-se ainda pior e ter de adquirir outra revista para ver o que pode comprar a seguir. Trata-se de um círculo vicioso eterno e infeliz que tem o nome de capitalismo e que goza de extrema popularidade. A publicação que tinha na mão chamava-se *Cosmopolitan* e dei-me conta de que, pelo menos, me seria útil para aprender a língua local.

Não demorou muito tempo. As línguas humanas escritas são ridiculamente simples, uma vez que se compõem quase por completo de palavras. No final do primeiro artigo tinha interpolado aquela língua escrita na sua totalidade, já para não falar do toque que pode melhorar o nosso humor, bem como o nosso relacionamento. Compreendi ainda que os orgasmos eram uma coisa extremamente importante. Ao que parecia, os orgasmos eram o princípio fundamental da vida na Terra. Talvez conferissem significado ao planeta, já que os humanos procuravam a iluminação por meio do orgasmo, dir-se-ia. Uns segundos de alienação em relação à escuridão que os rodeava.

Ler, contudo, não era falar, e o meu novo aparato vocal continuava ali, na minha boca e garganta, em conjunto com a comida que não sabia como engolir.

Devolvi a revista à prateleira. Ao lado do expositor havia uma faixa estreita e vertical de metal refletor que me permitiu entrever-me. Também eu tinha um nariz protuberante. E lábios. Cabelo. Orelhas. Quanta *externalidade*! Era uma espécie de olhar de dentro para fora. E havia ainda um alto no meio do meu pescoço. Sobranças muito espessas.

Veio-me à cabeça uma informação que os anfitriões me tinham dado. *Professor Andrew Martin.*

O meu coração disparou. Senti pânico. Eu era aquilo agora. Tornara-me aquele ser. Tentei acalmar-me, recordando a mim mesmo que era apenas uma situação temporária.

No fundo do expositor das revistas encontravam-se alguns jornais. Exibiam imagens de mais rostos sorridentes, e de alguns cadáveres também, estendidos junto a edifícios desmoronados. Ao lado dos jornais vi uma pequena coleção de mapas, e entre eles estava um *Mapa das Estradas das Ilhas Britânicas*. Talvez estivesse nas Ilhas Britânicas. Peguei no mapa e tentei abandonar o edifício.

O homem desligou o telefone.

A porta estava trancada.

Veio-me à memória mais uma informação: *Fitzwilliam College, Universidade de Cambridge.*

— Não pense que vai a algum lado — disse o homem, usando palavras que eu começava a entender. — A polícia já vem a caminho e eu tranquei a porta.

Para seu espanto, abri a porta sem dificuldade. Ao sair, ouvi uma sirene à distância. Pus-me à escuta e percebi que o ruído estava apenas a 300 metros dali e se aproximava rapidamente. Pus-me em movimento, correndo o mais depressa que conseguia, afastando-me da estrada e subindo uma colina cheia de erva que conduzia a uma outra zona plana.

Deparei-me com uma série de veículos de transporte estacionados num padrão geométrico ordenado.

Que mundo tão estranho! É claro que, quando observados pela primeira vez, todos os mundos são estranhos, porém, aquele devia ser o mais estranho de todos. Tentei concentrar-me nas semelhanças. Disse a mim mesmo que ali todas as coisas continuavam a ser compostas por átomos, que funcionavam do mesmo modo que todos os átomos. Mover-se-iam de encontro uns aos outros, havendo distância entre eles, e, caso não houvesse, repelir-se-iam. Era a lei mais básica do Universo e aplicava-se a todas as coisas, até mesmo neste planeta. Havia algum consolo nisso, no conhecimento de que, onde quer que nos encontrássemos no

vasto Universo, as pequenas coisas eram exatamente iguais. Atração e repulsão. A diferença só se notava se não se observasse a fundo.

Apesar disso, naquele momento, não via senão as diferenças.

O carro com a sirene chegou então à estação de reabastecimento, irradiando uma luz azul piscante, e eu escondi-me durante uns minutos no meio dos camiões estacionados. Cheio de frio, agachei-me todo encolhido, tremendo e com os testículos a perder volume. (Compreendi que os testículos são a parte mais atraente do corpo humano masculino, por muito que os próprios humanos os menosprezem, preferindo olhar para qualquer outra coisa, incluindo rostos sorridentes.) Antes de o carro da polícia ter partido, ouvi uma voz atrás de mim. Não pertencia a um agente da autoridade, mas ao condutor do veículo atrás do qual eu estava agachado.

— Ei, o que é que fazes aqui? Põe-te a milhas!

Fugi, os meus pés descalços martelando o chão duro salpicado de gravilha. Cheguei a uma zona de erva, um campo que atravessei sem mudar de direção, até que desemboquei numa outra estrada, bastante mais estreita e desprovida de trânsito.

Abri o mapa, localizei a linha que correspondia à curva desta outra estrada e vi a tal palavra: «Cambridge».

Dirigi-me para lá.

Enquanto caminhava e respirava aquele ar rico em nitrogénio, foi-se tornando mais nítida na minha cabeça a ideia de mim mesmo, de quem eu era. Professor Andrew Martin. Atrás do nome vieram factos enviados através do espaço por aqueles que me tinham mandado para ali.

Era um homem casado de 43 anos, a metade exata de uma vida humana, e tinha um filho. Era o professor que tinha acabado de resolver o mais importante quebra-cabeças matemático que os humanos alguma vez haviam enfrentado. Há apenas três horas tinha feito a raça humana progredir para lá da imaginação de qualquer pessoa.

Os factos deixaram-me nauseado, mas prossegui na direção de Cambridge, determinado a ver o que mais os humanos me tinham reservado.

## Corpus Christi

Não me foi ordenado que fornecesse este testemunho da vida humana. Não fazia parte da minha missão. No entanto, senti-me obrigado a fazê-lo para explicar algumas características extraordinárias desta existência. Espero que, desse modo, compreendam porque escolhi fazer o que, por esta altura, alguns de vocês já devem saber que fiz.

Seja como for, eu sempre soubera que a Terra era um lugar verdadeiro. Sabia-o, claro que sim. Tinha consumido, em formato de cápsula, o famoso relato de viagens *Os Idiotas Belicosos: O Tempo que Passei com os Humanos do Planeta Aquático nº 7081*. Sabia que a Terra era um evento real situado num sistema solar distante e aborrecido, onde pouca coisa acontecia e as opções de viagem para os locais eram extremamente limitadas. Também tinha ouvido dizer que os humanos eram uma forma de vida dotada de uma inteligência mediana, na melhor das hipóteses, e propensa à violência, a profundo embaraço sexual, a má poesia e a andar em círculos.

Começava, contudo, a dar-me conta de que nenhuma preparação teria sido suficiente.

Pela manhã cheguei ao tal lugar, Cambridge.

Era horripantemente fascinante. Foi nos edifícios que reparei em primeiro lugar, e foi com grande espanto que constatei que a estação de reabastecimento não era uma raridade. Todas as estruturas

erigidas, quer se destinassem ao consumismo, à habitação ou a outras finalidades, eram *estáticas* e estavam *presas ao chão*.

E aquela era, obviamente, a minha cidade. Tinha sido ali que «eu» vivera intermitentemente durante mais de 20 anos. E teria de agir como se tal fosse verdade, conquanto fosse o lugar mais estranho que jamais vira em toda a minha vida.

A falta de criatividade geométrica era estarrecedora. Não se via sequer um decágono em parte nenhuma. Reparei, porém, que alguns dos edifícios eram maiores e relativamente mais ornamentados do que outros.

*Templos ao orgasmo, supus.*

As lojas começavam a abrir. Nas cidades humanas, não tardaria a aprender, há lojas em todo o lado. As lojas são para os habitantes da Terra o que as cabines de equações são para os vonadorianos.

Numa dessas lojas vi uma série de livros na montra. Recordei-me então de que os humanos têm de *ler* livros. Precisam de sentar-se e olhar para cada palavra consecutivamente. E isso leva tempo. Muito tempo. Um humano não pode apenas engolir um livro, não pode mastigar diferentes volumes ao mesmo tempo ou devorar um conhecimento quase infinito no espaço de segundos. Não podem meter uma cápsula lexical na boca, como nós. Imaginem! Ser-se não apenas mortal, mas também forçado a reservar à leitura algum daquele tempo precioso e limitado. Não era, portanto, de admirar que fossem uma espécie composta por seres primitivos. Quando leram finalmente livros suficientes para alcançarem um nível de conhecimento que lhes permita fazer o que quer que seja com ele, morrem.

Compreensivelmente, um humano necessita de saber que tipo de livro se prepara para ler. Precisam de saber se é uma história de amor, uma história sobre um crime ou sobre extraterrestres.

Os humanos também se questionam acerca de outras coisas quando vão às livrarias. Por exemplo, o livro que vão adquirir é um daqueles que os fará sentir inteligentes ou um dos que irão fingir nunca ter lido para continuarem a *parecer* inteligentes? O livro irá fazê-los rir ou chorar? Ou forçá-los-á simplesmente a contemplar os pingos de chuva que escorrem do lado de fora da janela? É uma história verídica ou fictícia? É o género de história que dá voltas à

cabeça ou que visa órgãos inferiores? É um daqueles livros que cativa seguidores religiosos ou que acaba por ser queimado por eles? É um livro sobre matemática ou, como tudo o resto no Universo, meramente um resultado *dela*?

Sim, há muitas perguntas. E ainda mais livros. Muitos, muitos livros.

Os humanos, na sua típica maneira de ser, escreveram demasiados livros; tantos que é impossível dar conta de todos eles. A leitura acresce àquela enorme lista de coisas — o trabalho, o amor, o desempenho sexual, as palavras que não disseram quando deviam mesmo tê-las dito — em relação às quais é inevitável que se sintam um pouco descontentes.

Portanto, os humanos têm de fazer perguntas sobre os livros, do mesmo modo que, quando se candidatam a um emprego, precisam de saber se este os fará enlouquecer aos 59 anos e saltar da janela do escritório. Ou se, aquando de um primeiro encontro amoroso, a pessoa que têm à frente deles a fazer graçolas acerca do ano que passou no Camboja irá um dia trocá-la por uma jovem chamada Francesca que gere a sua própria empresa de relações públicas e diz «kafkaiano» sem nunca ter lido Kafka.

Entreí então na livraria e dei uma vista de olhos por alguns dos livros que estavam nas mesas. Reparei que duas das fêmeas que ali trabalhavam se riam e apontavam para o meio das minhas pernas. Fiquei confuso mais uma vez. Seriam os homens desencorajados de frequentar livrarias? Estaria a decorrer alguma disputa entre os géneros? Seria normal os livreiros troçarem dos clientes? Ou seria por eu estar desprovido de roupa? Quem saberia? Em todo o caso, era um pouco perturbador, sobretudo porque o único riso que alguma vez ouvira tinha sido uma risada abafada por peles de um *ipsoide*. Tentei concentrar-me nos livros e decidi observar os que estavam nas prateleiras.

Não tardei a perceber que usavam o sistema alfabético relacionado com a letra inicial do último nome de cada autor. Visto que o alfabeto humano tem apenas 26 letras, era um sistema incrivelmente simples, e logo encontrei os emes. Nessa categoria encontrava-se *A Idade Média*, da autoria de Isobel Martin. Ao tirá-lo da prateleira

vi que tinha um pequeno autocolante a dizer «Autor Local». Só havia um volume em *stock*, consideravelmente menos do que o número de volumes assinados por Andrew Martin. Por exemplo, havia 13 exemplares de um livro de Andrew Martin chamado *A Quadratura do Círculo* e 11 de um outro intitulado *Pi Americano*. Versavam os dois sobre matemática.

Peguei neles e constatei que diziam ambos «£8.99» na contracapa. Graças à interpolação completa de toda a língua que realizara com o auxílio da *Cosmopolitan*, soube que se tratava do preço dos livros. Contudo, uma vez que não tinha dinheiro, esperei até que ninguém estivesse a olhar para mim (demorou bastante tempo) e saí da livraria a correr.

A seu tempo, desacelerei e passei a andar normalmente, pois correr sem roupa não é muito compatível com testículos externos. Só então comecei a ler.

Procurei nos dois livros a hipótese de Riemann, mas não encontrei nada à exceção de referências desconexas ao próprio matemático alemão, Bernhard Riemann, há muito falecido.

Atirei os livros para o chão.

Paravam cada vez mais pessoas a olhar para mim. Ao meu redor havia coisas que não compreendia ainda: lixo, anúncios, bicicletas. Coisas exclusivamente humanas.

Passei por um homem alto com um casaco comprido e face peluda que, a julgar pela passada assimétrica, devia estar ferido.

Como é óbvio, nós conhecemos a dor breve, porém, aquela não parecia ser do mesmo tipo, e isso recordou-me que me encontrava num lugar de morte, onde as coisas se deterioravam, degeneravam e morriam. A vida de um humano estava rodeada de escuridão por todos os lados. Como é que os terráqueos aguentavam aquilo?

Absurdidade, resultante de uma leitura lenta: só podia ser isso.

Aquele homem, no entanto, parecia não estar a aguentar; os seus olhos espelhavam pesar e sofrimento.

— Jesus! — murmurou, aparentemente confundindo-me com alguém. — Agora é que eu já vi tudo. — Cheirava a infeção bacteriana e a outras coisas repugnantes que não fui capaz de identificar.



Pensei em pedir-lhe indicações, uma vez que o mapa que tinha era bidimensional e um pouco impreciso, mas não me sentia ainda preparado para tal. Talvez fosse capaz de dizer as palavras, mas faltava-me a confiança para dirigi-las a um rosto tão próximo, com um nariz bolboso e olhos rosados e tristes. (Como é que sabia que os olhos dele eram tristes? É uma pergunta interessante, sobretudo tendo em conta que os vonadorianos não conhecem a tristeza. A resposta é: não sei. Era uma sensação que tinha. Um fantasma dentro de mim; talvez o fantasma do humano em que me tornara. Não dispunha de todas as suas memórias, mas tinha outras coisas. Seria a empatia em parte biológica? Sei que me perturbou mais do que o testemunho da dor. A tristeza parecia-me uma doença e receei que fosse contagiosa.) Passei então por ele e, pela primeira vez desde que me recordava, tentei encontrar o caminho para um lugar.

Sabia que o professor Martin trabalhava na universidade, mas não fazia ideia de que aspeto tinha uma universidade. Supunha que não seriam estações espaciais revestidas de zircónio pairando acima da atmosfera, mas, tirando isso, não sabia mais nada. A verdade era que não possuía a capacidade de ver dois edifícios diferentes e dizer que um era de um tipo e o outro era de um tipo diferente. Prossegui caminho, ignorando as bocas escancaradas e as gargalhadas, e tocando nas fachadas de pedra ou vidro pelas quais passava, como se o tato me pudesse dar mais respostas do que a visão.

Sucedeu então o pior que podia acontecer. (Preparem-se, vonadorianos!)

Começou a chover.

A sensação provocada pelos pingos na minha pele e cabelo era horrível e só queria que parasse. Sentia-me tão exposto. Desatei a correr, procurando um refúgio. Não importava onde. Passei por um edifício enorme com um portão de grandes dimensões e um letreiro que dizia «The College of Corpus Christi and the Blessed Virgin Mary». Tendo lido a *Cosmopolitan*, sabia em pormenor o que «virgem» queria dizer, mas as outras palavras não eram tão claras. «Corpus» e «Christi» pareciam ocupar um espaço para lá da linguagem. «Corpus» tinha qualquer coisa que ver com corpo, portanto, talvez *Corpus Christi* fosse um orgasmo tântrico da cabeça aos pés.

A verdade era que não sabia. Havia também palavras mais pequenas e um letreiro diferente que dizia «Universidade de Cambridge». Usei a mão esquerda para abrir o portão e atravessei um relvado, encaminhando-me para o edifício que ainda tinha luzes acesas.

Sinais de vida e de calor.

A erva estava molhada. A sua humidade suave causou-me repulsa e por pouco não gritei.

Estava extremamente bem aparada, aquela relva. Mais tarde compreenderia que um relvado bem cortado tinha um significado importante e deveria ter provocado em mim uma ligeira sensação de medo e respeito, sobretudo em conjunto como uma arquitetura «grandiosa» (como aquela era). Nesse momento, porém, desconhecia tanto o significado de um relvado bem cuidado quanto da majestuosidade arquitetónica, por isso continuei o meu caminho rumo ao edifício principal.

Alguns atrás de mim parou um carro e, uma vez mais, vi luzes azuis intermitentes, desta feita refletidas na fachada de pedra de Corpus Christi.

(Luzes azuis cintilantes na Terra = sarilhos.)

Um homem correu na minha direção. Havia uma multidão de outros humanos logo atrás dele. De onde é que tinham saído? Tinham um ar bastante sinistro, todos ali agrupados, com as suas formas estranhas envoltas em roupa. Eram alienígenas para mim. Isso era óbvio. O que não era tão óbvio era o motivo por que eu o era para eles também, já que, ao fim e ao cabo, eu *parecia* igual a eles. Talvez se tratasse de outra característica humana. A capacidade de se virarem contra eles mesmos, de ostracizar os seus. Se assim era, a minha missão tinha ainda mais razão de ser, e conseguia compreendê-la melhor.

Ali estava eu, sobre a relva molhada, com o homem a correr para mim e a turba um pouco mais distante. Podia ter fugido ou lutado, mas eram demasiados e alguns seguravam equipamentos de gravação de aspeto rudimentar. O homem agarrou-me. «Faça o favor de me acompanhar», disse ele. Pensei na minha missão, mas percebi que era melhor obedecer. A verdade era que só queria proteger-me da chuva.

— Sou o professor Andrew Martin — declarei, confiante de que sabia como dizer aquela frase. E foi nesse instante que descobri o poder verdadeiramente assustador do riso alheio. — Sou casado e tenho um filho — acrescentei, enunciando os nomes deles. — Preciso de vê-los. Pode levar-me até eles?

— Não. De momento, não. Não, não podemos.

O humano segurava-me o braço com força. Acima de tudo, queria que a mão hedionda daquele homem me largasse. Ser tocado por um deles, já para não falar de agarrado, era demasiado. Contudo, não tentei resistir quando me levou para o veículo.

Devia atrair o mínimo de atenção possível enquanto desempenhava a minha missão. E nisso já estava a falhar redondamente.

*Tens de esforçar-te por ser normal.*

Sim.

*Tens de tentar ser como eles.*

Eu sei.

*Não venhas embora antes do tempo.*

Não o farei. Mas não quero estar aqui. Quero ir para casa.

*Sabes bem que não podes fazer isso. Ainda não.*


Mas o tempo vai esgotar-se. Tenho de chegar ao gabinete do professor e a casa dele.

*Sim, tens razão. Mas, antes de tudo, tens de te acalmar e de fazer o que eles te pedem. Vai até onde eles te levarem. Obedece-lhes. Jamais poderão saber quem te enviou. Não entres em pânico. O professor Andrew Martin já não está entre eles. Tu estás. Terás tempo de sobra. Eles morrem, por isso são impacientes. As vidas deles são curtas. A tua não é, sabes bem.*

*Não te tornes como eles. Usa os teus dons com sagacidade.  
Assim farei. Mas tenho medo.*

*Não te censuramos por isso. Estás no meio dos humanos.*

## Roupa humana

 brigaram-me a vestir roupa.

O que os humanos desconhecem em termos de arquitetura e de combustíveis isotópicos não-radioativos e à base de hélio, mais do que compensam com o seu conhecimento sobre roupa. São verdadeiros génios nessa área e estão a par de todas as subtilezas. E há, posso jurar-vos, *milhares* delas.

Isto da roupa funciona do seguinte modo: há uma camada interior e uma camada exterior. A primeira consiste de «cuecas» e «meias» destinadas a cobrir as zonas de odor mais forte, como os genitais, as nádegas e os pés. Existe também a possibilidade de usar uma «camisola interior» sobre uma parte do tronco menos vergonhosa, o peito, que inclui as protuberâncias de pele sensível conhecidas como «mamilos». Ao início, não fazia ideia do objetivo que estes cumpriam, mas reparei que acariciá-los com as pontas dos dedos produzia uma sensação agradável.

A camada exterior de roupa parece ainda mais importante do que a interior. Esta cobre 95 por cento do corpo, deixando apenas à mostra o rosto, os pelos da cabeça e as mãos. Esta camada exterior de roupa elucida-nos acerca das estruturas de poder neste planeta. Por exemplo, os dois homens que me levaram no automóvel com as luzes azuis cintilantes vestiam camadas exteriores iguais: sapatos pretos por cima das meias, calças pretas por cima das cuecas e,

a cobrir o tronco, uma «camisa» branca e um «pulôver» azul-sideral escuro. Sobre este pulôver, diretamente por cima da região do mamilo esquerdo, encontrava-se um distintivo retangular de um tecido mais fino onde se podia ler «Polícia de Cambridgeshire». Os casacos eram da mesma cor e exibiam o mesmo distintivo. Saltava à vista que era a roupa apropriada.

Não tardei a compreender o que significava a palavra «polícia»: significava polícia.

Não podia acreditar. Tinha infringido a lei pelo simples facto de *não usar roupa*. Tinha a certeza de que a vasta maioria dos humanos sabia que aparência tinha uma pessoa nua. Não era que tivesse feito alguma coisa de mal enquanto *não usava roupa*. Pelo menos, até àquele momento.

Meteram-me numa divisão pequena que era, em perfeita sintonia com todas as divisões feitas por humanos, um hino ao retângulo. O mais curioso foi que, embora aquela divisão não tivesse um ar nem melhor nem pior do que qualquer outra naquela esquadra (ou naquele planeta, em abono da verdade), os agentes pareciam crentes de que ser colocado ali, numa «cela», era um castigo particularmente desagradável. *Vivem num corpo que morre*, pensei jocosamente com os meus botões, *e acham pior estar trancado numa divisão!*

Foi ali que me pediram que me vestisse, que me «tapasse». Peguei nas peças de roupa que me deram, esforcei-me ao máximo e, assim que percebi que extremidade entrava em que abertura, foi-me comunicado que tinha de aguardar uma hora. Assim fiz, se bem que, como é óbvio, pudesse ter-me escapado dali. Compreendi, no entanto, que era mais provável que encontrasse o que precisava ficando ali, com os polícias e os seus computadores. Para além disso, recordei-me do que me tinha sido recomendado: *Usa os teus dons com sagacidade. Tens de tentar ser como eles. Tens de esforçar-te por ser normal.*

E então a porta abriu.

# E SE A TERRA FOSSE O PLANETA MAIS ABSURDO DO UNIVERSO?

O professor Andrew Martin, génio matemático, acaba de descobrir a chave para os maiores mistérios do Universo. Ninguém sabe do salto que isto representará para a Humanidade... exceto seres evoluídos de outro planeta.

Determinados a impedir que esta revelação caia nas mãos de uma espécie tão primitiva quanto os humanos, estes seres enviam um emissário para destruir as provas. E é assim que um alien intruso, completamente alheio aos costumes, chega à Terra. Rapidamente, ele descobre que os humanos são horrendos e têm hábitos ridículos – comida dentro de embalagens, corpos dentro de roupas e indiferença por trás de sorrisos... Esta espécie não faz sentido!

Durante a sua missão, sob a pele e identidade de Andrew Martin, este alien sente-se perdido e odeia todos os terráqueos. Exceto, talvez, *Newton*, um cão. Contudo, quanto mais se envolve com os que o rodeiam mais fica a perceber de amor, perda, família; e de repente está contagiado: será que afinal há qualquer coisa de extraordinário na imperfeição humana?

**«Um livro brilhante sobre o que é amar e ser-se humano... Inspirador e hilariante, estranho e maravilhoso!»**

*S.J. Watson*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-82-1



9 789898 869821

Literatura Traduzida